



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

VERA LUIZA MORO

(depoimento)

2016

CEME-ESEFID-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-745

Entrevistada: Vera Luiza Moro

Nascimento: 12/07/1965

Local da entrevista: Via Internet (Skype). Entrevistada em Curitiba e entrevistadora em Porto Alegre.

Entrevistadora: Christiane Garcia Macedo

Data da entrevista: 24/11/16

Transcrição: Marina Albugeri da Silva

Copidesque: Christiane Garcia Macedo

Pesquisa: Christiane Garcia Macedo

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 51 minutos e 34 segundos

Páginas Digitadas: 15 páginas

Observações:

A entrevistada realizou algumas alterações após a leitura da entrevista transcrita.

Entrevista realizada para a produção da pesquisa de Christiane Garcia Macedo intitulada *Centros de Memória da Educação Física e dos Esportes nas Universidades Federais*.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Formação; Envolvimento com a pesquisa histórica; Criação do Centro de Memória do Departamento de Educação Física da Universidade Federal do Paraná (UFPR); Pesquisa Histórica na Educação Física na UFPR em 2006; Organização do Centro de Memória; Motivações para a criação do Centro de Memória; Aproximação com conhecimentos de organização de arquivos; Tipos de documentos do Arquivo do Centro de Memória; Atividades do Centro de Memória ligadas ao ensino; Atividades de Extensão do Centro de Memória; Pesquisas; Bolsistas; Produção de Fontes Orais; Estrutura do Centro de Memória, Apoio da Universidade; Registro do Centro de Memória; Divulgação; Lugares de Memória no Paraná; Definição do Centro de Memória; Palavras Finais.

Porto Alegre [e Curitiba], 24 de novembro de 2016. Entrevista com Vera Luiza Moro a cargo da pesquisadora Christiane Garcia Macedo para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

C.M. – Professora, muito obrigada por me atender. Eu queria que você começasse falando sobre a sua formação.

V.M. – Bom Christiane, antes de tudo, de nada, a gente tinha marcado anteriormente, acabou não dando certo. Peço desculpas na verdade, você tinha agendado para o dia 14 de novembro e eu não tinha percebido que era véspera de feriado e já estava com viagem agendada. Mas a minha formação, Christiane, eu sou licenciada em Educação Física pela Universidade Federal do Paraná. Eu fiz o mestrado em Educação aqui na Universidade Federal do Paraná, mas eu já atuava na universidade. E eu concluí o doutorado na Universidade Federal de Minas Gerais, mas eu não fiz a defesa da tese.

C.M. – Sobre o que você trabalhou no mestrado e doutorado?

V.M. – No mestrado eu trabalhei com os currículos, na verdade, eu fiz uma análise dos currículos dos cursos de educação física das escolas de educação física aqui do Paraná, antes e após a Resolução 03/87, que instituiu a possibilidade de formar o bacharel em Educação Física. E aí no doutorado, na verdade, eu não defendi a tese, mas trabalhei com a história da Escola de Educação Física e Esporte do Paraná, que foi fundada em 1939 aqui no Paraná, quer dizer, ela funcionou um tempo, depois precisou ser fechada e, que depois no final da década de 1970 deu origem ao curso aqui da Universidade Federal do Paraná.

C.M. – Você lembra porque que você se envolveu com a pesquisa histórica?

V.M. – Sim. Isso foi em 2006, na verdade, eu já tinha concluído minha dissertação. Sempre trabalhei na universidade com a disciplina Introdução à Educação Física, e por volta de 2006 pediram para que eu assumisse a disciplina de História da Educação Física aqui na Universidade. E eu não tinha essa formação, comecei a participar do grupo do

professor Marcus Taborda¹, que era professor aqui do setor de Educação da Universidade Federal do Paraná e que tinha um grupo na área de história, e foi participando com o grupo dele que eu me envolvi com a pesquisa histórica. Mas eu não tinha essa formação, foi ali que eu iniciei. E participando do grupo eu resolvi que eu iria fundar o Centro de Memória, na verdade, existia um arquivo, existe um arquivo, que é o arquivo da antiga Escola de Educação Física e Desportos do Paraná, os documentos dessa escola. Esse arquivo ele estava abandonado, e quando a escola veio para a universidade, foi federalizada, a parte responsável por assumir essa documentação não assumiu e mandaram toda essa documentação para o departamento de educação física, e ali ficou abandonado. E aí eu resolvi que eu ia organizar essa documentação e que ia fundar um Centro de Memória. Eu tinha contato com o professor Tarcísio², fui para Belo Horizonte conversei com ele, trocamos um pouco a experiência de como fazer isso. Fiz um projeto de criação de um Centro, foi aprovado pelo departamento, foi destinado um espaço bastante pequeno e aí eu comecei a me envolver com a pesquisa histórica. Em 2008, daí eu fiz minha seleção para o doutorado na UFMG³ com orientação do professor Tarcísio. Então, esse foi o meu envolvimento, assim que começou.

C.M. – Você lembra quando que esse arquivo foi para a Escola de Educação Física?

V.M. – Sim, em 1978, quando a escola foi federalizada. Então esse arquivo foi e ficou de 1978 até 2006 abandonado. O professor Marcus Taborda se utilizou de parte da documentação desse arquivo para tese de doutorado dele. Mas não existia... Simplesmente as pessoas pediram para usar, o secretário dava as chaves, as pessoas entravam e tentavam identificar. E realmente era uma situação bastante precária. Depois se você tiver interesse, eu posso... Eu acho que eu ainda tenho aqui as fotos.

C.M. – Que bom.

V.M. – De como estava esse arquivo, tinha ninho de urubu na sala [risos], foi um trabalho bastante árduo. E eu lembro também que foi nesse momento, estava iniciando também, em

¹ Marcus Aurélio Taborda de Oliveira.

² Tarcísio Mauro Vago.

³ Universidade Federal de Minas Gerais.

2006 ou 2007, a Rede CEDES⁴. Então, estava se falando muito dessa coisa de arquivos e tudo o mais. Inclusive, eu não tinha conhecimento, depois conversando com o professor Tarcísio... Eu não estava na Rede Cedes, quer dizer, eu estava com o grupo da Rede CEDES, como coordenadora do arquivo. E depois quando eu fui para Belo Horizonte, o professor Tarcísio me disse que tinha sido ganho três editais para formação do Centro de Memória, um aqui no Paraná, no Rio Grande do Sul e em Minas. Agora, definitivamente, se houve isso, isso nunca chegou ao nosso Centro de Memória, essa verba ela nunca chegou ao Centro de Memória. Tanto é que o nosso Centro de Memória continua com o mesmo espaço e são duas pequenas salas, que foram conseguidas quando foi aprovado em 2006, na plenária do departamento.

C.M. – É Departamento de Educação Física?

V.M. – É.

C.M. – Já em 2006, durante a criação do Centro, no departamento tinha mais pessoas trabalhando com pesquisa histórica?

V.M. – Não, só eu.

C.M. – O Taborda estava na Educação?

V.M. – Justamente. Porque, na verdade, quem era o professor concursado para a disciplina de história era o professor Fernando Mezzadri⁵. E ele, em função dos seus novos interesses de estudo, deixa a disciplina de História da Educação Física. Então, ela funcionou muito tempo com professor substituto. Na minha época, na época em que eu fiz concurso, o concurso não era para uma disciplina, era para uma área e a minha área era sócio-filosófica. Em 2006, entenderam por bem que eu deveria assumir a disciplina, porque eu estava nessa área. E aí foi quando eu assumi a disciplina, tinha mais alguém comigo, na verdade, tinha inicialmente a professora Divoeni⁶... Não lembro o nome dela, ela faleceu. Então eu assumi a disciplina, quando eu saí para o doutorado foi feito um concurso, onde

⁴ Rede CEDES – Centros de Desenvolvimento de Esporte Recreativo e de Lazer.

⁵ Fernando Marinho Mezzadri.

passou o professor André Capraro⁷ que está até hoje. Eu saí da disciplina com a entrada do professor André, eu saí da disciplina de história, mesmo retornando, depois do doutorado eu não assumi mais a disciplina.

C.M. – E como que foi o início do Centro? Quais foram as primeiras atividades?

V.M. – Na verdade, eu consegui... Eram dois bolsistas que trabalharam comigo na organização. Porque nós tivemos que identificar, não sabíamos o que tínhamos, tivemos que abrir caixas, pastas, e ver que tipo de documento existia, o tempo que abrangia, a temporalidade, que abrangia esses documentos. Então, nós fizemos primeiro essa identificação, fomos retirando essa documentação, fazendo uma higienização. Na época, nós fizemos um convênio com o Arquivo Público do estado. Então uma pessoa do arquivo nós auxiliou nessa tarefa de higienização, e fomos retirando os documentos e organizando, fazendo uma higienização, e organizando esses documentos em caixas e tal, e mudando para uma outra sala. Então, tem uma sala que era uma sala de trabalho e a sala que a gente estava colocando, que era a sala onde a gente estava disponibilizando já essas documentações para pesquisa. O que está organizado cem por cento hoje são os relatórios da escola, a partir de 1942, porque ela começou em 1939, mas não existe registros, atas, nada, deste movimento, existem só documentos de jornais, mas não existe registros. Porque ela funcionou por um tempo, precisou fechar, acho que nem chegou a gerar documentos e depois em 1942 quando ela volta a funcionar, consegui a autorização para o funcionamento. Porque o reconhecimento é só em 1945. Então ela tem essa documentação, os relatórios, todos os relatórios até a sua federalização, então de 1942 até 1978, e as fichas dos alunos da escola, do curso normal, que funcionou de 1942, se não me engano, à 1945, e do curso superior de educação física. Essa documentação ela está organizada, está identificada, está em caixas. Existe, daí documentos, registros, o livro de registro de diploma, existe correspondências recebidas, expedidas, que não estão ainda cem por cento, não foram cem por cento trabalhadas. Com a minha saída em 2008, esse trabalho de organização da documentação continuou com o professor André, mas não avançou muito. E depois com o meu retorno, já ninguém mais estava trabalhando com essa documentação. Então, ficou de fato aquilo que a gente tinha feito lá no início, organização mais dessa

⁶ Nome sujeito a confirmação.

⁷ André Mendes Capraro.

documentação mais da escola, os relatórios e as fichas dos alunos e parte das correspondências, ainda tem muito material para mexer lá.

C.M. – Você já falou um pouco... Mas porque que foi criado o Centro? Qual foi a motivação?

V.M. – Na verdade, porque eu estava participando desse grupo e eu estava indo para a área de história, e aí foi quando eu decidi “ah não, então eu vou fazer o meu doutorado em história”. As coisas aconteceram muito junto, assim conversando com o professor Marcos Tabora da necessidade de organizar, que aquela documentação não fosse perdida, da necessidade de termos esse espaço, como um espaço de disponibilização, para um espaço de pesquisa. Então, essa foi, inicialmente, a motivação. A gente estava preocupado, na verdade, com essa documentação da escola, e daí nós chamamos... “Vou criar esse Centro de Memória. Mas, nesse primeiro momento, a gente vai organizar e cuidar da documentação da escola”. A ideia é que isso se transformasse, sim, num centro de pesquisa também histórica.

C.M. – E mais alguém se envolveu, além de você e dos dois bolsistas?

V.M. – Num primeiro momento, veja bem, quando foi aprovado o projeto foi o nome da professora Letícia Godoy, como vice coordenadora do Centro, porque na época o professor Capraro, não era professor ainda, então nós não tínhamos... Mas, de fato, era só eu, sozinha. Por isso era eu e os dois bolsistas, sem experiência nenhuma. Depois, fazendo o doutorado, eu fui identificando, quer dizer, todas as pessoas que estavam fazendo ou doutorado ou mestrado já tinham um envolvimento com a pesquisa histórica desde a sua graduação, ou no mestrado, tinha uma trajetória na pesquisa histórica que não era o que tinha acontecido comigo. Então, faltou um pouco de experiência. Faltou apoio da Rede Cedes, com relação ao Centro de Memória, nunca houve uma preocupação com a organização, funcionamento e expansão das atividades do Centro. Depois com a entrada do Capraro, ele se envolveu, mas hoje eu vejo assim ... As pessoas não querem se envolver ou disponibilizar um tempo para a organização do Centro. Porque exige um trabalho de equipe, precisaria de mais bolsista. Outro dia eu fiz a solicitação de bolsista, para que a gente desse continuidade nesse trabalho, que é esse trabalho de organização. O que eu

consegui fazer Chris... mas aí são iniciativas muito pessoais, quero fazer um banco de dados para catalogar pelo menos essa documentação que está disponível no nosso Centro e disponibilizar na página do departamento, uma página do Centro para que as pessoas saibam o que a gente tem para pesquisa. Nós temos atendido alguns pesquisadores do Brasil aqui, então, já duas ou três pessoas do Brasil vieram pesquisar em nossos arquivos e, também aqui de Curitiba mesmo, da PUC/PR⁸ também já utilizou essa documentação para fazer pesquisa. Eu mesma pra minha tese.

C.M. – E como que você se aproximou desses conhecimentos mais da organização? Conversando com pessoas, livros, o que...?

V.M. – Li bastante na época, 2006, assim, estava lendo muito sobre experiências de Centros de Memória. O Rio Grande do Sul sempre foi uma referência, por isso que eu falei, conheço a página, visito, utilizo, sempre foi uma referência. O contato com o professor Tarcisio. Mas principalmente foi esse apoio dado pelo Arquivo Público aqui do Paraná. A professora Tatiana⁹, que era uma historiadora, ela acompanhou e ajudou bastante a gente nessa organização. Mas nós não chegamos a fazer uma organização desses documentos que fazem parte do acervo, quer dizer, foi uma higienização, uma separação e uma guarda desses documentos principais. Mas ainda sem uma catalogação. Fazendo aquilo que eu falei, assim, para disponibilizar. Porque na época nós estávamos até desenvolvendo mesmo o programa, a partir das normas NOBRADE¹⁰ e tudo o mais. Mas depois isso parou, então a minha ideia agora é retomar isso, sabe, retomar de lá de onde a gente parou. Quando eu retornei do doutorado, e o próprio fato de eu não ter terminado a tese e não estar mais na disciplina. Me levou a um afastamento do Centro de Memória, conversei com alguns colegas e como não houve um interesse em retomar os trabalhos, decidi recentemente continuar de onde havia parado, conseguir um espaço mais adequado e qualificar as ações iniciais.

C.M. – No acervo de vocês tem só documentos textuais ou tem objetos, fotos?

⁸ Pontifícia Universidade Católica do Paraná.

⁹ Tatiana Marchette.

¹⁰ Norma Brasileira de Descrição Arquivística.

V.M. – O arquivo não tem objetos. Existe um álbum que é um relatório do diretório acadêmico, que era o DAFMA, que era o Diretório Acadêmico Francisco Mateus Albizú, que era o fundador da escola, que tem algumas fotos, no relatório. E tem um álbum de fotos, também, do diretório, dos jogos que eram realizados pela escola. São os dois únicos álbuns que existem, de fotos, de imagens, o resto é tudo documentação. Embora exista no departamento, no almoxarifado do departamento, objetos, troféus, flâmulas, a gente nunca trabalhou com isso, não estava no arquivo. Então, esses objetos estão guardados no almoxarifado do departamento. E a ideia, agora, retomando um pouco da onde a gente parou, seria fazer uma pesquisa... Eu tenho isso já aprovado no Comitê de Ética, que seria fazer um acervo de fontes orais, com os professores da antiga escola. Porque com a minha tese eu fiz contato com muitos deles, pesquisei alguns, então disponibilizar e criar esse material. Muitos já faleceram, mas tem um pessoal com idade bastante avançada. Então, fazer um arquivo de fontes orais para o Centro de Memória.

C.M. – E na documentação tem coisas doadas por professores, ou foi apenas do arquivo da escola?

V.M. – Somente o arquivo da escola. Não tem nada doado ainda por professores, só o que ficou do arquivo da escola, o que foi sendo guardado, o que foi passando de diretor para diretor, e chegou até a federalização. Não existe nenhuma documentação doada. Recentemente, eu recebi, pessoalmente, mas aí a doação foi feita para a universidade e não para o Centro de Memória, para a biblioteca da universidade, os livros do professor Júlio Lubachevski, professor na antiga escola e, depois, com a federalização, professor da Universidade Federal do Paraná. Ele foi meu professor na graduação, e aí ele me procurou e fez essa doação. Entretanto, a Biblioteca do Departamento de Educação Física estava saindo do Departamento de Educação Física e estava indo compor o acervo da biblioteca do setor de Ciências Biológicas, que é o setor no qual a gente está vinculado. Então a biblioteca da educação física deixou de existir, foi anexada pela biblioteca do setor de Ciências Biológicas. E este setor, ele não tem interesse em manter todo esse acervo. Então, esse acervo ele está de fato... Para você entender como a coisa está bem precária, ele está todo ele em minha sala, sala pessoal. E agora a gente está tentando negociar isso com o setor das Ciências Biológicas. Então, o que nós queremos fazer junto com o professor Capraro, é tentar organizar esse material. Então, tem muito livro sobre psicologia, muito

livro sobre história, tem muito livro sobre metodologia da pesquisa, ginástica. Então, a gente está separando, tentando separar por temáticas e ver como a gente pode organizar e disponibilizar esse material. Mas a gente está trabalhando junto com o setor de Ciências Biológicas para ver se consegue incorporar isso a essa biblioteca do setor, porque aí sim ele ficaria um acervo melhor cuidado e disponibilizado definitivamente para pessoas.

C.M. – Quando você estava na disciplina de história na graduação, você conseguia fazer alguma atividade junto ao Centro de Memória, ligada ao ensino?

V.M. – Sim. Fazíamos alguns exercícios, eu trabalhava com os alunos a questão das fontes históricas. E a partir de uma determinada temática, que eles escolhiam, solicitava que eles explorassem alguns acervos como o da Biblioteca Pública, do Arquivo Público e do Centro de Memória do Departamento. E isso permanece, até hoje o André sempre na disciplina dele, todo ano o Centro de Memória atende os grupos que estão trabalhando com o professor André. Então, esse trabalho ainda é feito, eles... Teve um grupo de alunos que estava pesquisando sobre o Centro Acadêmico, sobre os Diretórios Acadêmicos e tal, então eles foram atrás dessa documentação, lá no Centro de Memória. Então, a gente tem atendido isso. Mas, veja, a existência do Centro de Memória está muito colada a minha pessoa, apesar de outros professores terem acesso às chaves do Centro, como é o caso do professor Marcelo Moraes¹¹, mas mesmo eles quando vão utilizar o Centro de Memória avisam “nós vamos trabalhar no Centro de Memória tal dia”. Então, fica ainda bastante centrada na minha pessoa. Então, a ideia com essa retomada é tentar pelo menos estabelecer junto com o professor André, talvez com o professor Marcelo... Professor Marcelo está na filosofia, mas tem o doutorado dele na história, orientando da professora Carmem Lúcia Soares. Quem sabe retomar e formar um grupo.

C.M. – Sobre as atividades de extensão, vocês chegaram a fazer algum evento, exposição, alguma coisa assim?

V.M. – Teve, acho que foi já em 2006. A gente fez uma mostra das documentações e das fotos desse álbum. Então, nós fizemos uma pequena mostra, na verdade, a gente organizou essa mostra em uma sala do departamento. Temos um livro de assinaturas das pessoas que

participaram desta mostra, nós tivemos, se não me engano, foram 206 pessoas que assinaram o livro de assinaturas, entre professores do departamento, alunos, funcionários da secretária de esportes que vieram visitar e do Arquivo Público.

C.M. – Em relação à pesquisa, vocês têm feito dentro do Centro algum direcionamento para pesquisa?

V.M. – Não, Não, ainda não tem. Não tem... É aquilo que eu falei, é isso que... Estou esperando que a partir dessa retomada se forme um grupo e a gente comece a organizar isso. Não existe, não existe isso. Não existe um grupo, não existem linhas. Por isso que eu digo, não sei se dá para chamar isso de um Centro de Memória. Existe alguém que está guardando essa documentação. Eu acho que, definitivamente, nós teríamos que transformar isso num Centro de Memória, estabelecendo essas linhas. Meu interesse é... Na história, seria com a história da formação, formação de professores. E o professor André trabalha com a história do esporte. Então, para a gente tentar, quem sabe, estabelecer algumas linhas. Seria isso. Mas hoje não tem.

C.M. – Os bolsistas que tiveram foram de extensão?

V.M. – Na verdade, foram bolsistas da Rede CEDES.

C.M. – Tá. Esses dois do início?

V.M. – Esses dois. Quando eu saí para o doutorado em Belo Horizonte, na UFMG, o professor André desenvolveu um trabalho de organização do acervo na disciplina de Projetos Integrados, é uma disciplina da licenciatura, onde os alunos desenvolvem projetos em determinados espaços definidos pelo professor. E o professor Capraro nessa disciplina de Projetos Integrados, utilizou o espaço do Centro de Memória, na organização, identificação e higienização dessa documentação. Desse trabalho saíram até alguns artigos que ele acabou publicando. Então, ele trabalhou um tempo junto com alguns alunos, que daí não eram bolsistas, eram alunos dessa disciplina de Projetos Integrados. Mas que são... É um volume pequeno, sempre, de alunos, sei lá, quinze alunos no máximo.

¹¹ Marcelo Moraes e Silva.

C.M. – Sim. E continua fazendo esse projeto?

V.M. – Não, depois ele parou. O que ele fez, o ano passado ele ofertou novamente essa disciplina de Projetos Integrados, ele trabalhou com entrevistas, entrevistando professores. A ideia dele, em princípio, era essa produção de fontes orais. Mas ele trabalhou com os professores da universidade, a partir de uma renovação que houve no departamento, que foi quando eu entrei, quer dizer, eu entrei na universidade em 1992. Hoje eu sou decana do departamento, eu sempre brinco, eu não sou a mais velha na unidade, mas... [Risos]. Mas sou a mais velha do departamento. Então, eu sou decana do departamento. E aí ele começou uma série de entrevistas com esses professores que entraram a partir de 1992, fazendo essa renovação do quadro docente. O professor André iniciou um trabalho de entrevista com estes professores, mas de fato, não sei em que ponto está este projeto hoje.

C.M. – Bom, o que vocês dispõem de estrutura? Você falou em duas salas, é isso?

V.M. – É, duas salas. Inicialmente, nós tínhamos três salas, mas salas pequenas mesmo, porque nosso departamento tem realmente problemas de espaço. Então, inicialmente, eram três salas, uma sala aonde a gente colocou todo o acervo, porque ele estava estava misturado com parte do acervo mais recente do Departamento, em condições bastante precárias. Mas nós retiramos o que era da escola, colocamos em uma sala que era uma sala bastante pequena. A gente colocou toda essa documentação lá, e aí de lá que a gente retirava esses documentos e passava por uma sala onde a gente fazia a identificação, a higienização e, depois de identificado, higienizado, a gente colocava numa sala definitiva, que era a sala para pesquisa. Embora essa sala não dê para ser usada para pesquisa, ela não tem um espaço para pesquisa. Então, sempre que vem um pesquisador, nós temos que retirar esse documento dessas salas, levar para uma sala onde a gente possa atender melhor o pesquisador. Então, eu atendi, agora, acho que foi em março, uma doutoranda da Federal do Espírito Santo...

C.M. – A Marcela¹²?

V.M. – A Marcela, isso. E ela teve que trabalhar na sala do PIBID¹³. Eu levava essa documentação para a sala do PIBID, que eu compartilho com os colegas, e a Marcela trabalhou com essa documentação lá na sala do PIBID. Quando você fala de um Centro de Memória como o do Rio Grande do Sul, como Minas, ele não tem esse funcionamento assim, não tem essa estrutura, não tem. Então é bastante precária a estrutura aqui. É aquilo que eu falei, nunca veio nenhum tipo de recurso financeiro para o Centro de Memória, que não fosse os dois bolsistas iniciais que trabalharam comigo, além de algumas estantes e um computador, que hoje já apresenta muitos problemas. Além disso recebemos, neste primeiro momento, ajuda com alguns materiais como: caixas, esse material para você fazer a guarda, foi isso que a gente obteve de ajuda, de recurso.

C.M. – Essas pastas elas vieram da universidade ou foi da Rede CEDES?

V.M. – É da Rede CEDES.

C.M. – A universidade nunca... Nem material, computador, alguma coisa assim?

V.M. – O setor de Ciências Biológicas sim. Quando você solicita máscara, luva, pastas, você consegue com eles. Máscaras e luvas é bem tranquilo, avental e pastas também, a gente conseguiu. O próprio departamento, se for caixas assim você consegue, xerox, esses serviços você consegue. Mas, por exemplo, para a minha pesquisa mesmo, o material que eu utilizei, gravador, tudo isso foram coisas que eu adquiri com recursos próprios. A Rede Cedex tem filmadora, gravador etc. Mas não são materiais de uso exclusivo do Centro de Memória.

C.M. – Você chegou alguma vez a registrar o Centro no departamento, em alguma...?

V.M. – Sim. Ele está registrado em ata. Tem uma ata que aprova a criação do Centro de Memória no Departamento de Educação Física, em 2006, vinculado à destinação de um

¹² Marcela Bruschi

¹³ Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência.

espaço. Foram cedidas essas três salas, só que uma das salas ela acabou sendo desocupada, que era essa sala de higienização e limpeza. A qual, a gente acabou cedendo essa sala para uma professora que chegou no departamento. Então, nós estamos com duas sala, uma ainda onde tem essa documentação que precisa ser trabalhada, e a sala aonde está a documentação mais organizada.

C.M. – Esse registro foi como setor, como projeto?

V.M. – Não, eu fiz um projeto de criação do Centro de Memória, mas foi uma coisa muito simples, com objetivos e tudo mais. Um dos objetivos era isso, tornar-se um centro de pesquisa, história... o projeto foi aprovado no Departamento de Educação Física, mas não foi submetido para aprovação no Setor de Ciências Biológicas. Isso não foi, existe criado no departamento de Educação Física. Seria muito interessante que fosse criado no setor de Ciências Biológicas, mas a gente nunca tocou isso para frente e penso que teríamos resistências, porque haveria daí um compromisso maior do setor de Ciências Biológicas no que diz respeito a espaços, equipamentos e tudo o mais. Então, ele ficou registrado somente no departamento de Educação Física.

C.M. – Você acompanhou algum outro Centro além... Você disse de Minas e do Rio Grande do Sul.

V.M. – É, o Rio Grande do Sul, na verdade, eu acompanho bastante a página do CEME, eu sempre recebo por e-mail atualizações e tal e sempre acompanho. E de Minas, porque eu fiquei lá um tempo. Então como orientanda do professor Tarcísio, eu trabalhei junto com ele e mais um aluno, que era bolsista de iniciação científica acho que do professor Tarcísio. Nós trabalhamos, na época, com o acervo Institucional do CEMEF. Então, também organizamos, quer dizer, claro que não trabalhei com todo ele, mas o tempo que estive lá eu trabalhei na separação, organização desses documentos que eles chamam de institucional. Então tinha grupos que trabalhavam com as imagens... E a gente trabalhou, eu e o professor Tarcísio, a gente trabalhou, uma época, com este acervo institucional. Então, conheço... Acompanhei mais de perto o trabalho de organização deles, do CEMEF, mas não existia ainda o prédio.

C.M. – Você ficou lá de quando a quando?

V.M. – 2008 à 2010 eu fiquei morando em Belo Horizonte.

C.M. – E vocês fizeram alguma estratégia de divulgação do Centro de Memória, aí dentro, internamente nos departamentos, ou para fora?

V.M. – Sim, teve. Na época foi criado, um folder, a gente distribuiu. Por isso que houve vários participantes naquele evento, naquela amostra que a gente fez. A gente distribuiu nas secretarias da educação e do esporte, no Arquivo Público, Biblioteca Pública, em outras universidades. Tanto é que aí foi depois desta divulgação que começaram a aparecer pesquisadores para conhecer e também fazer uso do Centro de Memória. Apareceu um mestrando da PUC para trabalhar com os arquivos também, o interesse dele era nos currículos de Educação Física da antiga escola. E um estudante de jornalismo, porque o avô dele havia sido diretor da escola, um tempo, e professor da antiga escola, ele fazia jornalismo e estava fazendo a monografia dele de conclusão do curso sobre o avô, então ele também trabalhou com os documentos do arquivo. Assim, decorrente dessa divulgação, as pessoas começaram a procurar o Centro de Memória, mas que terminaram trabalhos, que eu acompanhei, foram esses dois.

C.M. – Aí na Universidade tem outros lugares de memória, outros centros, museus?

V.M. – Que eu conheço mesmo é o Centro de Memória do Setor de Educação, o qual sei que tem trabalhado na organização da documentação do Setor, mas que não sei se já disponibiliza acesso ao público.

C.M. – Professora, como você definiria o Centro de Memória do Paraná?

V.M. – Como eu definiria o Centro de Memória do Paraná... Olha, é difícil falar isso depois... 2006...

C.M. – Dez anos.

V.M. – Dez anos, 2016, dez anos. Eu defino o Centro de Memória como um depósito ainda, entende, dessa documentação. Porque, aquilo que eu falei para você, ele não tem um definição de linhas, ele não tem um grupo formado de professores que esteja interessado em organizar, trabalhar, vamos dizer assim. Então, embora ele esteja servindo, atendendo a alguns pesquisadores, muito poucos, defino isso, ainda, como um depósito desses documentos, desse acervo da Antiga Escola. Por isso que eu falei para você, não sei se a minha entrevista tem razão de ser, porque eu não identifico isso como um Centro de Memória. A ideia era criar um Centro de Memória, mas... Eu acho que... Quando eu não fiz a defesa da tese, certamente tem uma questão pessoal aí, que houve... Não assumi a disciplina de história, acabei indo para fazer o doutorado em história e retornei não encontrei mais este espaço, então houve uma quebra. Então, eu defino ele, assim, como um depósito de guarda dessa documentação da Antiga Escola. Como eu agora pretendo voltar a trabalhar... Tentar sentar com este grupo e ver se existe o interesse de alguém. Também, eu sei que tem o professor Sidmar¹⁴ e Sérgio Chaves¹⁵ que estão concluindo o doutorado lá na Federal de Minas Gerais, eles são do setor de Educação, com o retorno deles quem sabe a gente possa pensar num grupo aí que toque isso para frente. Até porque eu já estou muito próxima da minha aposentadoria, então, pelo menos, deixar isso para alguém. Gostaria de ver este grupo funcionando antes de eu aposentar.

C.M. – Professora, tem mais alguma coisa que gostaria de registrar sobre o Centro?

V.M. – Não, eu acho que não. Christiane acho que é isso mesmo, assim, que eu falei... Assim, sinto um pouco de tristeza, em dez anos de não ter avançado mais do que isso que a gente fez. Me vejo como responsável, assim, assumo parte dessa responsabilidade de ver a coisa assim, mas eu acho que ainda dá... Tem interesse, quero ver se com o retorno desses professores se a gente consegue realmente organizar um grupo e tornar isso um Centro de Memória definitivamente.

C.M. – Então é isso para a entrevista professora, muito obrigada.

¹⁴ Sidmar dos Santos Meurer.

¹⁵ Sérgio Roberto Chaves.

V.M. – De nada Chris, foi um prazer, espero ter contribuído. E se você tiver alguma dúvida eu me disponibilizo, sempre que precisar você me escreva. Peço desculpa, de novo, pelos desencontros, mas fico a sua disposição.

C.M. – Está bom, muito obrigada!

[FINAL DA ENTREVISTA]